



DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-57652025v30id283631>

A INTERNACIONALIZAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DO RIO GRANDE DO SUL NA PERSPECTIVA DOS ATORES INSTITUCIONAIS

The internationalization of higher education institutions in Rio Grande do Sul from the perspective of institutional actors

La internacionalización de las instituciones de educación superior en Rio Grande do Sul desde la perspectiva de los actores institucionales

Fernando Gazzoni¹

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1401-1726>

E-mail: gazzoni.adm@gmail.com

Flavia Luciane Scherer²

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1581-2653>

E-mail: flavia.scherer@ufsm.br

Soraya de Souza Soares³

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1266-7454>

E-mail: soraya.soares@acad.ufsm.br

Maíra Nunes Piveta⁴

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5518-9515>

E-mail: mairanpiveta@gmail.com

Natália Pavanelo Pivetta⁵

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4167-1359>

E-mail: nataliappivetta@gmail.com

Resumo: O fenômeno da internacionalização do ensino superior é amplamente reconhecido como uma necessidade premente em um contexto globalizado. Consequentemente, numerosos países e instituições têm se dedicado ao estabelecimento de políticas de internacionalização, dada a sua relevância estratégica na promoção do conhecimento. Este estudo investigou a perspectiva dos atores institucionais em relação ao processo de internacionalização das instituições de ensino superior no Rio Grande

¹ Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) | Santa Maria | RS | Brasil.

² Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) | Santa Maria | RS | Brasil.

³ Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) | Santa Maria | RS | Brasil.

⁴ Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) | Santa Maria | RS | Brasil.

⁵ Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) | Santa Maria | RS | Brasil.

do Sul. Utilizando uma abordagem predominantemente quantitativa, 57 respondentes participaram deste estudo, o qual, além de utilizar questionários com questões fechadas e abertas como instrumento de coleta de dados, analisou o conteúdo de documentos estratégicos oficiais das instituições investigadas a partir dos seis eixos do Modelo ACE de Internacionalização Abrangente. No cenário brasileiro, a internacionalização do ensino superior ainda carece de diretrizes claras por parte do poder público para orientar sua efetivação nas instituições. Embora os atores institucionais reconheçam a importância da internacionalização, há uma percepção de que esta ainda é conduzida de maneira isolada por um grupo restrito de indivíduos, predominantemente associada à pós-graduação. Diversas barreiras são identificadas para uma internacionalização abrangente, incluindo a falta de programas de capacitação continuada para docentes, desafios na implementação de processos de avaliação, escassez de cursos internacionalizados em disciplinas e a ausência de métricas que permitam a avaliação dos resultados de aprendizagem.

Palavras-chave: internacionalização; ensino superior; atores institucionais.

Abstract: The phenomenon of internationalization of higher education is widely recognized as a pressing need in a globalized context. Consequently, numerous countries and institutions have dedicated themselves to establishing internationalization policies, given their strategic relevance in promoting knowledge. This study investigated the perspective of institutional actors in relation to the internationalization process of higher education institutions in Rio Grande do Sul. Using a predominantly quantitative approach, 57 respondents participated in the present study which, in addition to using questionnaires with closed and open questions as instructions, ment of data collection, analyzed the content of official strategic documents of the institutions investigated based on the six axes of the ACE Model of comprehensive internationalization. In the Brazilian scenario, the internationalization of higher education still lacks clear guidelines from the public authorities to guide its implementation in institutions. Although institutional actors recognize the importance of internationalization, there is a perception that it is still conducted in isolation by a restricted group of individuals, predominantly associated with postgraduate studies. Several barriers are identified for comprehensive internationalization, including the lack of continuing training programs for teachers, challenges in implementing evaluation processes, the scarcity of internationalized courses in disciplines and the absence of metrics that allow evaluation of learning outcomes.

Keywords: internationalization; institutional actors; perception analysis.

Resumen: El fenómeno de la internacionalización de la educación superior es ampliamente reconocido como una necesidad apremiante en un contexto globalizado. Consecuentemente, numerosos países e instituciones se han dedicado al establecimiento de políticas de internacionalización, dada su relevancia estratégica en la promoción del conocimiento. Este estudio investigó la perspectiva de los actores institucionales en

relación con el proceso de internacionalización de las instituciones de educación superior en Rio Grande do Sul. Utilizando un enfoque predominantemente cuantitativo, 57 participantes formaron parte del presente estudio que, además de emplear cuestionarios con preguntas cerradas y abiertas como instrumento de recolección de datos, analizó el contenido de documentos estratégicos oficiales de las instituciones investigadas a partir de los seis ejes del Modelo ACE de internacionalización integral. En el escenario brasileño, la internacionalización de la educación superior aún carece de directrices claras por parte del poder público para orientar su implementación en las instituciones. Aunque los actores institucionales reconocen la importancia de la internacionalización, existe la percepción de que todavía se lleva a cabo de manera aislada por un grupo restringido de individuos, predominantemente asociada a la posgraduada. Se identifican diversas barreras para una internacionalización integral, incluyendo la falta de programas de capacitación continua para docentes, desafíos en la implementación de procesos de evaluación, la escasez de cursos internacionalizados en disciplinas y la ausencia de métricas que permitan evaluar los resultados de aprendizaje.

Palavras clave: internacionalización; enseñanza superior; actores institucionales.

1 INTRODUÇÃO

A influência exercida pela globalização nas sociedades locais e suas consequências para o ensino superior têm sido objeto de amplo reconhecimento no âmbito acadêmico, conforme evidenciado pelos trabalhos de Morosini (2006) e Knight (2020). Os autores argumentam que a educação internacional, a cooperação internacional e a globalização são elementos cruciais para o fomento e desenvolvimento do ensino superior. Knight (2020), destaca que a internacionalização emergiu como um tema central tanto em agendas de pesquisa quanto em políticas institucionais globalmente, o que indica a crescente integração desses conceitos na promoção do progresso educacional.

Estar em um ambiente internacional tornou-se essencial para a sobrevivência e desenvolvimento das instituições de ensino superior, pois possibilita competir e cooperar em igualdade com outras instituições, tanto nacionais quanto estrangeiras (Stallivieri, 2002). Ademais, a solução para problemas considerados locais, por vezes, é encontrada por meio do conhecimento gerado pelo processo de internacionalização das instituições de ensino e a relação com outras instituições ou países (Hudzik, 2011).

Durante a pandemia de COVID-19, um esforço global sem precedentes emergiu entre instituições de pesquisa e ensino, resultando na colaboração internacional para o desenvolvimento de vacinas eficazes contra o vírus. Esta cooperação multilateral foi exemplificada pela rápida troca de informações científicas e pela colaboração em projetos de pesquisa, visando acelerar a identificação e produção de vacinas. Por exemplo, estudos como o de Polack *et al.* (2020) demonstraram a eficácia da vacina *Pfizer-BioNTech* na prevenção da COVID-19, enquanto outros, como o de Voysey *et al.* (2021), avaliaram a segurança e eficácia da vacina *Oxford-AstraZeneca*. Esses esforços colaborativos entre instituições de renome internacional não apenas demonstram o poder da

ciência em tempos de crise, mas também destacam a importância da cooperação global para enfrentar desafios de saúde pública em escala mundial.

A análise do Instituto Internacional da UNESCO para a Educação Superior na América Latina (Conferência [...], 2003) e no Caribe (UNESCO; IESALC, 2020) indica que a pandemia afetou principalmente a mobilidade acadêmica no ensino superior, com consequências imediatas na necessidade de repatriação de estudantes e, a longo prazo, na redução da mobilidade devido à crise financeira e ao decréscimo no financiamento público. Em resposta, as instituições de ensino superior foram incentivadas a desenvolver novas estratégias de internacionalização que não dependem do deslocamento físico, promovendo assim a aprendizagem intercultural e internacional de forma inovadora, como apontado por Toro (2020).

As instituições de ensino superior, foco deste trabalho, são protagonistas na era pós-globalização, gerando conhecimento e integrando culturas e pessoas (Stallivieri, 2002). No Brasil, a internacionalização do ensino superior tem ganhado relevância, embora ainda seja incipiente em comparação com países do hemisfério norte, como Estados Unidos e França (Neves; Martins, 2016). Segundo Knobel *et al.* (2020), essa internacionalização enfrenta desafios significativos, principalmente devido à dependência de financiamento público e à influência estatal histórica. Para prosperar, a internacionalização deve ser parte das decisões estratégicas dos conselhos institucionais superiores (Stallivieri, 2017), sendo vista como crucial por todos os atores institucionais, que praticam as relações sociais que definem a instituição (Balbachevsky, 1996). Portanto, é essencial analisar como as ações em diferentes áreas incentivam um compromisso institucional.

Partindo desse pressuposto, o presente estudo buscou investigar a percepção dos atores institucionais frente ao processo de internacionalização das instituições de ensino superior do estado do Rio Grande do Sul.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Internacionalização do ensino superior

Durante a última década, observou-se um crescimento exponencial na quantidade de pesquisas relacionadas à internacionalização do ensino superior. No entanto, não se trata necessariamente de um fenômeno recente. As instituições de ensino superior apresentam traços de internacionalização desde seu surgimento na Idade Média (Stallivieri, 2002), sendo intrinsecamente cosmopolitas (Stallivieri, 2017) e incorporando as tensões entre a realidade nacional e as tendências internacionais (Altbach, 2004).

O que ocorreu nos últimos anos, impulsionado pelo fenômeno da globalização (Stallivieri, 2017), foi uma expansão em volume, escopo e complexidade das atividades internacionais das universidades (Altbach; Knight, 2007). A globalização tornou-se um fator ambiental que provocou grandes efeitos na educação levando o ensino superior a um maior envolvimento internacional (Altbach; Knight, 2007).

Diante do cenário atual, no qual a globalização provocou uma expansão das atividades internacionais nas universidades e impactou profundamente a educação superior (Altbach; Knight, 2007; Stallivieri, 2017), a crise gerada pela pandemia de COVID-19 trouxe novas vulnerabilidades para esse fenômeno. Conforme discutido por Cui *et al.* (2023) e Verbeke (2020), essas vulnerabilidades exacerbaram tensões geopolíticas e forçaram uma reconsideração dos paradigmas de globalização e desglobalização, impactando as estratégias empresariais e, possivelmente, o futuro da educação superior internacional.

Consciente das raízes históricas da relação entre a universidade e a internacionalização, foi nos últimos anos, acompanhando os avanços da globalização, que a internacionalização passou a ser analisada sob seu conceito e como fator estratégico (Wit, 2002). Devido à complexidade e grande amplitude do tema, foram desenvolvidos diversos conceitos, teorias, modelos e abordagens para a internacionalização do ensino superior (Carvalho; Araújo, 2020).

Morosini (2006), define a internacionalização como um esforço deliberado para incorporar uma perspectiva internacional, intercultural e global nas metas e funções da educação pós-secundária. Ademais, visa envolver culturas e diferenças globais, alcançar comunidades locais e promover cidadania global e desenvolvimento sustentável por meio de colaborações transfronteiriças. As diversas motivações, abordagens e estratégias permitem o desenvolvimento de diferentes modelos teóricos. Um dos principais é o modelo cíclico de internacionalização proposto por Knight (1997) que concebe a internacionalização como um ciclo contínuo e inovador, integrando a dimensão internacional em diversos processos institucionais.

Assim, ao abordar a internacionalização no ensino superior, são adotadas diversas estratégias, modelos e formas, representando visões que não são excludentes entre si e, por vezes, complementares. Contudo, a ênfase maior das estratégias está na área de mobilidade estudantil e em colaborações e parcerias (Teodoro; Stallivieri; Mello, 2019), mas não deve ser restrita a estas duas áreas (Gacel-Avila, 2012). Trata-se de um processo que requer a formulação e monitoramento de estratégias que se proliferam nos diferentes quadros institucionais (Knight, 2020).

Neste aspecto, surge a Internacionalização Abrangente como uma resposta estratégica e abrangente aos desafios e oportunidades do cenário mundial atual, buscando integrar as diferentes estratégias adotadas pelas instituições em um ambiente onde há uma interdependência entre o local e o global, onde a prosperidade de um depende da prosperidade do outro (Hudzik; McCarthy, 2012). O próximo item abordará essa perspectiva holística.

2.1.1 Internacionalização abrangente (*comprehensive internationalization*)

A internacionalização abrangente busca infundir a dimensão internacional, intercultural (Olson; Green; Hill, 2005), global e comparativa (Hudzik; McCarthy, 2012), nas atividades de ensino, pesquisa e extensão das instituições. Para tanto, além de ser abrangente, visa ser transversal e integrada em todas as áreas da instituição (Teodoro; Stallivieri; Melo, 2019), promovendo uma mudança estratégica institucional (Olson;

Green; Hill, 2006) e influenciando o *ethos*, os valores e a cultura institucional (Hudzik; McCarthy, 2012).

A internacionalização abrangente não tem como objetivo definir um modelo único, mas sim reconhecer a multiplicidade de abordagens (Hudzik, 2011), embora alguns aspectos sejam fundamentais no processo (Teodoro; Stallivieri; Melo, 2019). As instituições de ensino possuem diferentes recursos, estruturas e políticas (Hudzik, 2011), gerando variações nas formas e prioridades ao empreender essa internacionalização (Hudzik; McCarthy, 2012). Contudo, essa diversidade de abordagens é precisamente uma das principais críticas à internacionalização abrangente, uma vez que a mensuração de seu progresso representa um desafio para a maioria das instituições de ensino superior (Mace; Pearl, 2019).

Para alcançar os objetivos propostos pela internacionalização abrangente, a *American Council on Education* (ACE, 2020) desenvolveu um modelo orientador para as instituições. Esse modelo identificou seis eixos principais no desenvolvimento da internacionalização abrangente, a saber: (i) compromisso institucional articulado; (ii) liderança administrativa, estrutura e pessoal; (iii) currículo, co-currículo e resultados de aprendizagem; (iv) políticas e práticas do corpo docente; (v) mobilidade estudantil; e (vi) colaboração e parcerias.

Teodoro, Stallivieri e Melo (2019), ressaltam que as áreas enfatizadas pela ACE necessitam de atenção e investimentos para alcançar a internacionalização abrangente sendo componentes essenciais, independentemente da abordagem adotada. A complexidade dessa internacionalização, diante de sua multiplicidade de abordagens e a ausência de um modelo específico para implementação, conforme indicam Hudzik (2011), Hudzik e McCarthy (2012), dificulta a mensuração e a avaliação de seu progresso (Mace; Pearl, 2019).

Essa problemática leva a desafios na gestão organizacional, exigindo que o alinhamento de recursos e esforços esteja de acordo com as estratégias institucionais, conforme destacado por Kuipers *et al.* (2014), Von Nordenflycht (2010), Boonstra, Versluis e Vos (2014), Suseno e Pinnington (2017) e Hoover e Harder (2015). Assim, compreender a diversidade de formas de internacionalização e buscar métodos eficazes de avaliação deve ser parte integrante do contexto mais amplo da gestão estratégica das instituições de ensino superior.

2.2 O ensino superior brasileiro e a internacionalização

O ensino superior brasileiro é caracterizado por um desenvolvimento tardio e pela coexistência de sistemas público e privado (Durham, 2003). Enquanto a Espanha fundou sua primeira universidade nas Américas em 1538, o Brasil, colonizado por Portugal, não instituiu estabelecimentos de ensino superior durante o período colonial, uma estratégia para manter a ordem (Durham, 2003; Flores, 2017). A internacionalização do ensino superior público no Brasil pode ser examinada sob três abordagens: internacionalização em casa, no exterior e a distância. Apesar de baseadas em estudos

do Norte Global, essas categorias auxiliam na compreensão do processo brasileiro, influenciado por esse contexto, conforme evidenciado pela estratégia de internacionalização da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), impulsionada por financiamento federal (Wagner; Dietrich, 2024).

De acordo com o Censo da Educação Superior Brasileira de 2019, a rede de ensino superior no Brasil é composta por 2.608 instituições, das quais 198 (7,6%) são universidades, 294 (11,3%) são centros universitários, 2.076 (79,6%) são faculdades e 40 (1,5%) são institutos federais e centros federais de educação tecnológica, sendo 302 (11,6%) públicas e 2.306 (88,4%) privadas (INEP, 2021). Apesar de as universidades representarem aproximadamente 8% do total de Instituições de ensino superior (IES), concentram 52,2% do total de matrículas em cursos de graduação nessas instituições brasileiras, enquanto os centros universitários, as faculdades e os Institutos Federais e CEFETs correspondem, respectivamente, a 26,3%, 19% e 2,5% do total de matrículas.

A internacionalização do ensino superior tem sido amplamente discutida nos últimos trinta anos, inicialmente vista por Knight (1997) como uma resposta à globalização em nível nacional. Wit (2002) destacou a rápida transformação das instituições em entidades globais, enquanto Crăciun (2018) enfatizou o papel contínuo dos estados-nação e das organizações supranacionais na definição das políticas de internacionalização, evidenciando a interação entre atores locais e globais. No Brasil, políticas como o programa CAPES-PrInt visam fortalecer a presença do país no cenário global por meio de colaborações com instituições do Norte Global, promovendo a mobilidade acadêmica e parcerias internacionais. Embora esses esforços sejam significativos, enfrentam desafios como restrições financeiras e dependência de políticas públicas para sua sustentabilidade (Martin-Jones; Souza; Carvalho, 2024).

Com as mudanças econômicas no início da década de 1990 e a abertura do mercado às importações, o conhecimento tornou-se um elemento chave para o desenvolvimento das nações, impulsionando a internacionalização das instituições de ensino, tanto nacionais quanto internacionais (Morosini; Corte, 2018). No Brasil, esse processo está intimamente relacionado aos fluxos migratórios (Morosini; Corte, 2018), caracterizando-se por uma internacionalização passiva, com um enfoque maior na mobilidade de docentes e estudantes para o exterior (Carvalho; Araújo, 2020). Contudo, os números relativos à mobilidade brasileira permanecem baixos em comparação com os de países desenvolvidos (Miranda; Stallivieri, 2017).

No Brasil, a internacionalização do ensino superior é incentivada por três principais órgãos governamentais: a CAPES, o CNPq e a Agência Brasileira de Cooperação (ABC) (Miranda; Stallivieri, 2017; Alves, 2017). O foco do governo tem sido a concessão de bolsas para estudos no exterior, como observado nos programas PEC-G, PEC-PG e Ciência sem Fronteiras, voltados para a mobilidade acadêmica (Maués; Bastos, 2017). Apesar de o país apresentar iniciativas relevantes nesse sentido, ainda enfrenta desafios como a burocracia e a necessidade de proficiência em línguas estrangeiras. Ainda assim, CAPES e CNPq têm um papel fundamental ao promover a mobilidade e parcerias internacionais (Neves; Barbosa, 2020).

Percebe-se, portanto, que a internacionalização no cenário brasileiro tem evoluído com base em programas de mobilidade, com uma tentativa, nos últimos anos, de transformar um cenário focado em processos de mobilidade passiva em um processo ativamente estratégico e integrado. A seguir, será apresentado o percurso metodológico adotado para o desenvolvimento desta pesquisa.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para classificar o estudo em função de seu objetivo central, este se define como uma pesquisa descritiva, já que visa analisar o comportamento de uma população específica ou de um fenômeno, bem como as relações entre variáveis (Gil, 2019). A pesquisa adota uma abordagem quantitativa, desenvolvida por meio de um levantamento de campo, com o objetivo de coletar informações diretamente das pessoas cujos comportamentos, atitudes, opiniões, crenças e valores se pretendem investigar (Gil, 2019).

Para o desenvolvimento de estudos sobre a internacionalização, considerando as IES no território nacional como *locus* de análise, deve-se definir como população o conjunto das IES existentes. De acordo com a pesquisa realizada no Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Ensino Superior do Ministério da Educação, em setembro de 2020, foram identificadas 3.045 IES, distribuídas entre universidades, centros universitários, faculdades, IFs e CEFETs (Brasil, 2020).

Para a composição da amostra da pesquisa, adotou-se a estratégia de amostragem não probabilística por acessibilidade ou conveniência. As universidades de ensino superior foram selecionadas por concentrarem mais da metade (52,9%) do total de matrículas em cursos de graduação no Brasil (Brasil, 2019) e por serem instituições que desenvolvem atividades de ensino, pesquisa e extensão, tornando-as mais propícias ao desenvolvimento do processo de internacionalização. A opção por investigar apenas universidades federais do Rio Grande do Sul deveu-se à disponibilidade dos documentos institucionais, pois muitas instituições privadas não divulgam abertamente seus Planos de Desenvolvimento Institucional (PDI). Além disso, ao escolher instituições públicas de um mesmo estado, buscou-se reduzir a influência de fatores externos e variáveis de controle, garantindo condições institucionais e ambientais semelhantes.

Desta forma, no estado do Rio Grande do Sul, estão localizadas seis universidades federais: a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Universidade Federal de Rio Grande (FURG), Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Assim, estas foram as instituições selecionadas para constituir a amostra da pesquisa.

Para viabilizar a condução da pesquisa a partir da análise da percepção dos atores institucionais das instituições supracitadas, determinou-se uma amostra dentro de cada universidade, segmentando-a em dois grupos, sendo eles: Grupo I. Responsáveis pela unidade de internacionalização de cada instituição e Grupo II. Docentes, discentes e técnicos-administrativos. Com relação ao Grupo I, faz-se relevante salientar que as unidades de internacionalização recebem diferentes nomenclaturas de acordo com a

estrutura organizacional de cada instituição, conforme segue: a) UFSM – Secretaria de Apoio Internacional (SAI); b) UFRGS – Secretaria de Relações Internacionais (REINTER); c) UFCSPA – Escritório de Internacionalização; d) UFPEL – Coordenação de Relações Internacionais (CRINTER); e) UNIPAMPA – Diretoria de Assuntos Estratégicos e de Relações Institucionais e Internacionais (DAEINTER); f) FURG – Secretaria de Relações Internacionais (REINTER).

Com o Grupo II, buscou-se analisar a percepção e o comportamento dos atores institucionais (docentes, discentes e técnicos-administrativos) que não possuem cargo de gestão ou cujo cargo de gestão ocupado não esteja diretamente relacionado ao processo de internacionalização da instituição. Para representar os atores analisados, concebeu-se uma amostra intencional, composta pelos integrantes das comissões de elaborações do PDI e do Plano de Internacionalização (PI) em cada instituição.

Para coletar os dados dos dois grupos (responsáveis pelo escritório de internacionalização, docentes, discentes e técnicos-administrativos), aplicou-se, em fevereiro de 2021, um questionário para analisar o comportamento e a percepção dos atores institucionais em relação ao processo de internacionalização. Elaborado com base em diversas fontes, como Hudzik (2011), Olson, Green e Hill (2005), a pesquisa '*Mapping Internationalization on U.S. Campuses 2016*', e modelos do *American Council on Education* (ACE, 2020) e de Knight (1997), o questionário, composto por três blocos, foi refinado por meio de um pré-teste e consultas a especialistas. A versão final abordou o perfil dos respondentes, o *status* da internacionalização institucional e incluiu questões abertas para complementar os resultados.

A população final identificada foi composta por 278 pessoas, obtendo-se uma taxa de retorno de 22%, o que resultou em uma amostra válida de 57 respostas. Os questionários foram enviados por *e-mail*, com endereços coletados de *sites* institucionais, documentos oficiais e outras fontes confiáveis. Para aumentar a adesão e a taxa de retorno, foram feitas duas tentativas de reenvio. Para analisar os dados, utilizou-se o *software SPSS Statistics*. Inicialmente, realizou-se uma análise univariada, seguida de uma análise bivariada, cruzando as medidas de tendência central dos eixos da internacionalização abrangente com as variáveis de perfil dos respondentes. Esse cruzamento buscou identificar as diferentes percepções dos pilares da internacionalização entre os dois grupos.

4 RESULTADOS

Os resultados a serem apresentados nesta seção estão segmentados em três subseções, que foram organizadas da seguinte maneira: 4.1 Perfil dos respondentes; 4.2 Panorama da internacionalização nas instituições; e 4.3 Os pilares da internacionalização abrangente – conforme segue.

4.1 Perfil dos respondentes

Com o objetivo de caracterizar o perfil dos respondentes participantes desta pesquisa, foram realizadas indagações acerca da instituição de origem, idade, grau de escolaridade, tempo de atuação na instituição, cargo principal ocupado e participação (ou não) como membro ou voluntário na construção doPDI e/ou do Plano Estratégico de Internacionalização por parte dos investigados.

Assim, constatou-se que a instituição com maior número de respondentes foi a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), representando aproximadamente 26% da amostra, seguida pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), com cerca de 19% dos questionários retornados no total da amostra. Em sequência, temos a UFCSPA com 18%, a UFPEL com 16%, a UNIPAMPA com 14% e, por último, com menor participação, a UFRGS com 7%.

A amostra incluiu respondentes com idades entre 25 a 68 anos, com uma idade média de aproximadamente 48 anos. Quanto ao tempo de serviço na instituição, a maioria apresenta menos de 15 anos de atuação, variando de um mínimo de 4 anos a um máximo de 43 anos, resultando em uma média de cerca de 16 anos. Essa experiência de trabalho qualifica os achados do estudo. No que concerne ao grau de instrução, a maioria dos respondentes possui mestrado (24,6%) ou doutorado (68,4%), totalizando 93% da amostra, indicando assim um elevado nível educacional.

A amostra também revelou um equilíbrio em relação a cargos de gestão: 25 respondentes exercem algum tipo de cargo de gestão, enquanto 27 não ocupam tais posições. Adicionalmente, cinco respondentes são responsáveis pelos escritórios de internacionalização das instituições, exercendo funções de gestão diretamente relacionadas à internacionalização, o que constitui a composição do Grupo I. No Grupo II, os segmentos representados foram os seguintes: aproximadamente 70% dos respondentes identificaram-se como docentes; 22,8% como servidores técnico-administrativos. Apenas um respondente declarou-se como discente, além de três respondentes que indicaram ser simultaneamente servidores e discentes.

A diversidade de perspectivas e grupos dentro das universidades, conforme discutido por Stier (2004), Barnett (2011) e Trondal (2010), é um elemento crucial na implementação da internacionalização. Essa diversidade pode levar a interpretações variadas e, por vezes, contraditórias da internacionalização, devido a diferentes ideologias e pressupostos implícitos. No contexto das respostas sobre o exercício de cargos de gestão nas instituições de ensino superior, essa pluralidade de visões também pode influenciar a concepção e implementação das políticas e práticas de internacionalização. Assim, a análise das diferentes perspectivas dos respondentes pode enriquecer a compreensão dos desafios e oportunidades enfrentados na promoção de uma internacionalização curricular eficaz e significativa.

Por fim, pode-se inferir que o perfil dos respondentes desta pesquisa apresenta um alto grau de instrução, sendo majoritariamente formado por docentes, dos quais grande parte participou da elaboração dos PDI de suas instituições.

4.2 Panorama da internacionalização nas instituições

Nesta etapa da pesquisa, abordaram-se questões referentes à forma como a internacionalização é percebida pelos respondentes. Diante dessa perspectiva, foram questionados sobre os avanços percebidos, as principais motivações, as atividades de internacionalização priorizadas e as intenções formais estratégicas delineadas pelas instituições em seus documentos e políticas institucionais.

Inicialmente, solicitou-se aos respondentes que, conforme seu entendimento sobre o processo, indicassem qual o nível de internacionalização da sua instituição nos três anos anteriores ao estudo. Conforme ilustrado na Tabela 1, mais da metade (57,9%) indicou um nível moderado de internacionalização. Outros 21% apontaram níveis muito alto e alto, enquanto 21,1% classificaram-no como muito baixo e baixo. Entre os ocupantes de cargos de chefia, 24% identificaram um nível alto e muito alto, 72% um nível moderado e 4% um nível baixo. Por outro lado, entre aqueles que não ocupam cargos de chefia, 16% indicaram níveis muito alto e alto, 48% moderado e 36% níveis muito baixos e baixo de internacionalização.

Tabela 1 – Níveis de Internacionalização e Cargo de Chefia

Categoria	Muito alto - Alto	Moderado	Muito baixo - Baixo
Total de Respondentes (57)	12 (21%)	33 (57.9%)	12 (21.1%)
Com Cargo de Chefia (25)	6 (24%)	18 (72,0%)	1 (4%)
Sem Cargo de Chefia (27)	4 (16%)	13 (48%)	10 (36%)

Fonte: Elaboração própria.

A diferença significativa de percepção entre os respondentes com (4%) e sem (36%) cargos de chefia, em relação aos níveis de internacionalização considerados muito baixos e baixos, pode ser explicada pela literatura. Esta destaca o papel dos gestores na promoção da internacionalização como uma estratégia institucional prioritária. Conforme Stallivieri (2017), a internacionalização deve estar alinhada às políticas estratégicas das instituições, sendo frequentemente mais reconhecida pelos gestores, diretamente envolvidos na formulação e execução dessas políticas. Esses resultados corroboram a importância da liderança administrativa na percepção sobre os avanços do processo de internacionalização, conforme destacado por Hudzik (2011). Este salienta que uma internacionalização eficaz depende do comprometimento estratégico dos gestores e da inclusão dessa agenda nas políticas.

Apesar da maioria dos respondentes informar que as instituições apresentam um nível moderado de internacionalização, os respondentes afirmam que o processo tem demonstrado avanços nos últimos anos. Para 86% dos respondentes, o processo de internacionalização nas instituições tem avançado, dos quais 31,6% afirmam ter avançado em um grau significativo, e outros 54,4% relatam que a internacionalização tem avançado, porém em um ritmo um pouco mais lento. Esses achados estão alinhados com o conceito de internacionalização abrangente (Hudzik, 2011), que propõe que

o processo de internacionalização é gradual e integrado a todas as atividades institucionais, embora possa ocorrer em ritmos diferentes, dependendo dos recursos e das estratégias adotadas por cada instituição.

Outro ponto analisado, considerado chave para o sucesso da internacionalização, foram as motivações das instituições para o desenvolvimento do processo de internacionalização. As motivações devem ser amplamente divulgadas e de conhecimento de todos. Assim, conforme as motivações propostas por Hudzik (2011), foi solicitado aos respondentes que identificassem as principais motivações da sua instituição, atribuindo uma escala de importância para cada uma, sendo 1 para a mais importante e 6 para a menos importante.

Para a análise das motivações, foi proposta uma inversão da escala de pontuação. Desta forma, a Tabela 2 apresenta a pontuação final para cada motivação, sendo que um maior peso indica uma maior incidência de importância.

Tabela 2 – Principais motivações para internacionalização apontadas pelas respondentes

	Motivações	Pontuação Final
1 ^a	Fortalecer a estrutura e o valor agregado de uma instituição de ensino superior no ensino e pesquisa em um sistema global de ensino superior	252
2 ^a	Expandir o conhecimento e a compreensão transcultural, dada a maior frequência e a necessidade de contatos e relações transculturais (que se estabelece entre culturas diferentes)	251
3 ^a	Aprimorar conhecimentos, habilidades, atributos e carreiras para que os graduados e pós-graduados sejam cidadãos e membros da força de trabalho eficazes	234
4 ^a	Melhorar a força de trabalho e a competitividade econômica local em um mercado global	188
5 ^a	Atrair recursos financeiros internacionais para a instituição	164
6 ^a	Melhorar a segurança nacional e global	108

Fonte: Elaboração própria.

De acordo com os resultados obtidos, foram identificadas duas motivações principais para a internacionalização, as quais permeiam o planejamento das instituições. A primeira motivação associa-se à busca pelo reconhecimento da instituição no cenário global de ensino e pesquisa. Este resultado pode ser corroborado pela literatura, que aponta o papel estratégico da internacionalização no fortalecimento da competitividade institucional em um ambiente globalizado. Conforme Knight (2020), a internacionalização tornou-se uma prioridade para as instituições de ensino superior, visto que contribui para a legitimação da circulação do conhecimento e a ampliação das redes de pesquisa, fatores diretamente ligados ao reconhecimento global.

A análise individual das instituições revelou que não há uma motivação padrão para o desenvolvimento da internacionalização entre elas. Embora a questão intercultural seja a principal motivação em quatro das seis instituições, esta não se configura como um comportamento uniforme. As diferentes percepções dos respondentes dentro de cada instituição indicam uma possível falta de clareza nas ambições internacionais ou no compartilhamento dos interesses institucionais. Essa diversidade de percepções está alinhada com a complexidade da internacionalização curricular, conforme discutido por Agnew (2013), Clifford (2009), Sanderson (2008), Haigh (2014) e Renfors (2021), que enfatizam como as crenças, agendas e prioridades das partes interessadas, incluindo o corpo acadêmico, influenciam o processo de internacionalização.

Ao mesmo tempo em que foi solicitado aos respondentes que apontassem as principais motivações institucionais, também lhes foi pedido que elencassem as principais atividades de internacionalização desenvolvidas pelas suas instituições nos últimos três anos que antecederam a pesquisa (2018-2020). As estratégias de internacionalização adotadas pelas instituições devem ser amplamente divulgadas, com os papéis coletivos e individuais devidamente definidos, de forma que ações e recursos possam ser otimizados. A tabela 3 apresenta o total de pontos que cada atividade recebeu dentro do conjunto de instituições analisadas. A metodologia de análise segue o padrão da questão anterior, com a atribuição de uma escala de pontuação inversa para análise.

Tabela 3 – Principais atividades desenvolvidas no processo de internacionalização

	Atividades	Pontuação Final
1 ^a	Parcerias com instituições/organizações no exterior	244
2 ^a	Colaborações em pesquisas internacionais	222
3 ^a	Aumento dos estudos no exterior para estudantes brasileiros	210
4 ^a	Desenvolvimento do corpo docente	188
5 ^a	Recrutamento de estudantes internacionais	169
6 ^a	Internacionalização do currículo e/ou atividades extracurriculares	164

Fonte: Elaboração própria.

A principal atividade para a inserção internacional das instituições foi apontada como "parcerias com instituições/organizações no exterior", seguida por "colaborações em pesquisas internacionais". Esse padrão se manteve nas análises individuais, com a maioria das instituições priorizando parcerias internacionais e colaboração em pesquisas. A única exceção foi a instituição "E", que, segundo os respondentes, tem como foco principal o desenvolvimento de atividades voltadas à mobilidade de estudantes brasileiros.

4.3 Os pilares da internacionalização abrangente

As questões propostas visaram examinar a internacionalização institucional com base nos eixos do Modelo da ACE (2020), considerando a visão dos atores institucionais. Bordogna (2017) destaca a importância dos "agentes de fronteira" — como professores, administradores e profissionais envolvidos em parcerias internacionais — na superação das barreiras institucionais e culturais que dificultam os esforços de internacionalização. Nesse contexto, a percepção dos atores institucionais sobre os eixos da internacionalização abrangente é crucial. No âmbito de um compromisso institucional articulado com a internacionalização, os resultados indicam que as instituições comprometidas possuem planos específicos, unidades dedicadas exclusivamente a esse avanço e incluem o tema como uma de suas prioridades estratégicas. Além disso, contam com comitês de internacionalização, partes interessadas dedicadas ao desenvolvimento da mesma e avaliações periódicas.

A falta de metas claras e mensuráveis, ou o desconhecimento delas por parte de alguns atores institucionais, pode sugerir que o plano de internacionalização esteja mais presente entre os gestores, sem alcançar toda a comunidade universitária. Stallivieri (2017), destaca que a comunicação ineficaz dos objetivos e estratégias de internacionalização pode limitar o envolvimento dos atores institucionais, prejudicando a execução das iniciativas. Para uma internacionalização eficaz, é essencial que ela esteja integrada às demais atividades da instituição, além de possuir um planejamento estratégico e um processo de avaliação consolidados.

Portanto, torna-se fundamental analisar os demais eixos propostos no modelo da ACE, explanando a visão dos respondentes sobre a inserção da internacionalização nas atividades desenvolvidas, permitindo uma análise de como a instituição articula a internacionalização em seus processos. Desse modo, os respondentes foram solicitados a indicar, em uma escala *Likert* de 1 a 5, sua concordância em relação a algumas afirmativas.

Assim, o segundo pilar refere-se à liderança administrativa, estrutura e pessoal, abordando questões relacionadas ao envolvimento dos gestores da instituição no processo de internacionalização, definindo uma estrutura de recursos e com pessoal capacitado para o desenvolvimento da internacionalização. Esse ponto foi abordado por meio de quatro afirmativas e os resultados obtidos para o eixo podem ser vistos na Tabela 4 a seguir.

Tabela 4 – Medidas de tendência central para o eixo "liderança administrativa, estrutura e pessoal"

Afirmações	Média	Mediana	Erro Desvio	Variância
Na minha instituição uma única unidade lidera as atividades e programas de internacionalização	3,16	3,00	1,386	1,921

Na minha instituição existe um gestor em tempo integral que supervisiona ou coordena várias atividades ou programas de internacionalização	3,91	4,00	1,214	1,474
Na minha instituição existe um compromisso dos gestores institucionais com o processo de internacionalização da instituição	4,04	4,00	0,865	0,749
A unidade de internacionalização da minha instituição desenvolve atividades que vão além do gerenciamento dos processos de mobilidade e acordos de cooperação	3,89	4,00	1,160	1,346

Fonte: Elaboração própria.

Analisando os dados obtidos, observa-se que os respondentes reconhecem que as instituições possuem, no mínimo, uma estrutura básica para o desenvolvimento da internacionalização, evidenciando que os gestores demonstram preocupação com o processo. Os escritórios expandiram suas atividades, abrangendo mais do que a mobilidade estudantil. Na internacionalização abrangente, é imperativo que as unidades de internacionalização atuem como suporte, facilitando o envolvimento das diversas unidades acadêmicas (Hudzik, 2011), em detrimento de serem percebidas exclusivamente como organizações burocráticas que gerenciam políticas de mobilidade e acordos de cooperação.

O pilar de currículo, atividades extracurriculares e resultados de aprendizagem está intrinsecamente vinculado às políticas de internacionalização em âmbito interno, contemplando a gestão do currículo, com a incorporação de variáveis internacionais, interculturais e globais às diferentes atividades institucionais, tais como aprendizagem e avaliação. Esse tópico foi abordado em seis afirmações elucidativas apresentadas na Tabela 5 a seguir.

Tabela 5 – Medidas de tendência central para o eixo “currículo, atividades extracurriculares e resultados de aprendizagem”

Afirmações	Média	Mediana	Erro Desvio	Variância
A minha instituição possui metas de aprendizagem para questões globais ou internacionais dos alunos	2,91	3,00	1,106	1,224

A minha instituição está envolvida em iniciativas de internacionalização do currículo da graduação e pós-graduação	3,42	4,00	1,068	1,141
A minha instituição ofereceu nos últimos três anos (2018, 2019 e 2020) cursos ou programas extracurriculares com orientação global ou internacional	3,18	3,00	1,088	1,183
A minha instituição utiliza outras tecnologias, além de <i>e-mail</i> e página da <i>web</i> , para facilitar as atividades de internacionalização da instituição	3,56	4,00	1,102	1,215
A minha instituição oferece seminários, <i>workshops</i> ou outros programas sobre internacionalização das disciplinas e do currículo.	3,16	3,00	1,162	1,350
A minha instituição oferece seminários, <i>workshops</i> ou outros programas sobre a utilização da tecnologia para internacionalizar os cursos	2,74	3,00	0,936	0,876

Fonte: Elaboração própria.

Os resultados indicam que existem iniciativas de internacionalização do currículo; no entanto, o amadurecimento dessas ações é essencial para a consolidação de uma política mais abrangente (Knight, 2020; Morosini, 2006). Além disso, verifica-se divergência quanto à existência de metas destinadas à avaliação do aprendizado dos alunos em temas globais. Este aspecto corrobora a percepção de Leask (2001), o qual aponta esse fator como crucial para o desenvolvimento de competências internacionais nos estudantes. Embora algumas instituições recorram à tecnologia da informação para fomentar a internacionalização, os respondentes enfatizam a falta de capacitação contínua do corpo docente. Segundo Hudzik (2011) e Gacel-Ávila (2012), a tecnologia desempenha um papel fundamental nesse processo. Contudo, de acordo com Green e Mertova (2016), a formação contínua dos professores é primordial para assegurar a efetividade dessas iniciativas e para preparar adequadamente os alunos.

O suporte do corpo docente pode representar uma das principais barreiras, mas, simultaneamente, uma das variáveis mais significativas para a internacionalização abrangente (Hudzik, 2011). Portanto, é vital para o avanço da internacionalização a análise do eixo referente às Políticas e Práticas do Corpo Docente, as quais são abordadas nas questões subsequentes na Tabela 6.

Tabela 6 – Medidas de tendência central para o eixo “Políticas e práticas docente”

Afirmações	Média	Mediana	Erro Desvio	Variância
A minha instituição ofereceu nos últimos três anos (2018, 2019 e 2020) oportunidades para desenvolvimento da competência global ou internacional dos docentes	3,40	4,00	1,050	1,102
A minha instituição monitora as colaborações internacionais de ensino e/ou pesquisa dos membros docentes (por exemplo, usando um banco de dados)	3,56	4,00	0,945	0,893
A minha instituição oferece oportunidades e apoia a participação docente em ensinar, conduzir pesquisas e participar de conferências no exterior	3,51	4,00	0,966	0,933

Fonte: Elaboração própria.

Os resultados mostram que os respondentes reconhecem que as instituições oferecem algumas oportunidades de desenvolvimento internacional para seus docentes, além de monitorarem colaborações internacionais no ensino e na pesquisa. Contudo, essas oportunidades ainda não são acessíveis a todos, havendo espaço para aumentar tanto a oferta de cursos quanto o acesso dos docentes a essas iniciativas, promovendo maior engajamento com a internacionalização. Outro eixo importante é a Mobilidade Estudantil, muitas vezes considerada o principal objetivo da internacionalização, conforme evidenciado na Tabela 7.

Tabela 7 – Medidas de tendência central para o eixo “Mobilidade estudantil”

Afirmações	Média	Mediana	Erro Desvio	Variância
A minha instituição possui um plano de recrutamento de estudantes internacionais	3,05	3,00	1,007	1,015
A minha instituição possui metas estabelecidas para a porcentagem de alunos que estudarão no exterior durante a graduação	2,65	3,00	1,044	1,089
Na minha instituição a mobilidade estudantil é o principal	2,91	3,00	1,169	1,367

objetivo da internacionalização

Fonte: Elaboração própria.

No eixo analisado, parte-se do princípio de que a mobilidade estudantil é uma das formas de internacionalização desenvolvida e encorajada por todas as instituições de ensino. Busca-se questionar o foco e os resultados dessa política. A partir das questões levantadas e do conjunto de respostas, percebe-se que a mobilidade, tanto no sentido de ida quanto de volta, é um processo que não conta com uma política institucional claramente definida, não apresentando políticas de atração de estudantes, nem os resultados desse processo de mobilidade são explicitados.

O último eixo da internacionalização abrangente, proposto pelo Modelo ACE (2020), refere-se às colaborações e parcerias desenvolvidas pela instituição. As questões referentes a esse tópico foram abordadas na Tabela 8, apresentada adiante.

Tabela 8 – Medidas de tendência central para o eixo “Colaboração e parcerias”

Afirmações	Média	Mediana	Erro Desvio	Variância
Nos últimos três anos (2018, 2019 e 2020) a minha instituição ampliou o número de parcerias internacionais	3,96	4,00	0,823	0,677
A minha instituição possui uma estratégia formal para o desenvolvimento de parcerias internacionais	3,61	4,00	0,921	0,848
Na minha instituição existem diretrizes específicas para o desenvolvimento ou avaliação das parcerias existentes	3,05	3,00	1,042	1,086
A minha instituição identificou países ou regiões específicas para expansão da sua atividade internacional	3,56	4,00	1,035	1,072

Fonte: Elaboração própria.

O desenvolvimento de parcerias nacionais e internacionais, comum no contexto globalizado, é essencial para a internacionalização abrangente. Entretanto, é preciso que tais parcerias gerem sinergia, trazendo benefícios maiores do que os obtidos por iniciativas isoladas (Hudzik, 2011). Embora os respondentes indiquem que as instituições tenham ampliado o número de parcerias, persistem dificuldades na avaliação de sua efetividade. Ao analisar o modelo ACE de internacionalização abrangente, observa-se um avanço das instituições neste processo. Ações estão sendo implementadas em

diversos eixos, ainda que muitas vezes de maneira não planejada ou por meio de iniciativas individuais. Contudo, as respostas sugerem que tais práticas ainda não se encontram consolidadas e podem estar limitadas a um grupo restrito, sem uma clara implementação estratégica clara.

Por fim, destaca-se a importância da adequação e da gestão eficaz dos recursos para superar obstáculos e garantir uma implementação bem-sucedida do processo de internacionalização, conforme ressaltado por Leask (2001) e Crosling, Edwards e Schroder (2008). Pesquisas recentes enfatizam o papel do corpo docente na internacionalização bem-sucedida das instituições de ensino superior, conforme apontado por Green e Whitsed (2015), Green e Mertova (2016), Leask *et al.* (2020) e Whitsed *et al.* (2021). Esses estudos sugerem uma mudança de paradigma e ressaltam a necessidade de uma compreensão mais aprofundada da dinâmica organizacional para promover uma participação efetiva do corpo docente nesse processo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do desenvolvimento do presente estudo, constatou-se que, nas instituições analisadas no estado do Rio Grande do Sul, mesmo que de forma tímida, a internacionalização avançou, seguindo a mesma tendência observada no cenário nacional, conforme descrito por Teodoro, Stallivieri e Melo (2019). O Brasil apresenta características distintas nos processos de internacionalização, tais como a intensificação intencional das atividades de internacionalização e a implementação de programas estruturados de cooperação internacional (Neves; Barbosa, 2020).

As percepções dos atores institucionais participantes da pesquisa revelam divergências significativas em relação ao processo de internacionalização nas instituições de ensino superior. Apesar dos avanços institucionais e da crescente inclusão da internacionalização nas estratégias destas instituições — antes limitadas a um grupo mais restrito, os resultados indicam que ainda há muito a ser realizado. Para que as iniciativas de internacionalização tenham um impacto abrangente tanto no ambiente institucional quanto na formação de profissionais para o mercado global, é essencial aprimorar de maneira significativa as políticas e práticas já em vigor.

Uma das principais limitações deste estudo foi a dificuldade de acessar dados e informações confiáveis. A escassez de acesso a informações sobre a internacionalização nas instituições, a dificuldade de contato com possíveis respondentes e a ausência de dados fornecidos por órgãos governamentais representaram barreiras, impedindo uma análise mais robusta e a mensuração dos processos e ações de internacionalização.

Ao desenvolver um panorama sobre o processo de internacionalização no ensino superior brasileiro, abre-se a possibilidade para o desenvolvimento de diversos tipos de estudos. Com base nos resultados encontrados, sugerimos que pesquisas futuras abordem as barreiras entre as variáveis a serem analisadas, com o objetivo de tornar a internacionalização um processo mais integrativo entre as diferentes fontes e atores envolvidos.

REFERÊNCIAS

- AGNEW, M. Strategic planning: an examination of the role of disciplines in sustaining internationalization of the university. **Journal of Studies in International Education**, Londres, v. 17, n. 2, p. 183–202, 2013. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1028315312464655>. Acesso em: 29 nov. 2023.
- ALTBACH, P. G. Globalisation and the university: myths and realities in an unequal world. **Tertiary Education and Management**, Reino Unido, v. 10, n. 1, p. 3-25, 2004. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13583883.2004.9967114>. Acesso em: 11 nov. 2023.
- ALTBACH, P. G.; KNIGHT, J. The internationalization of higher education: motivations and realities. **Journal of Studies in International Education**, Estados Unidos, v. 11, n. 3-4, p. 290-305, 2007. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1028315307303542>. Acesso em: 24 nov. 2023.
- ALVES, G. K. Avaliação da internacionalização da educação superior: proposição de indicadores e mapeamento de processos. **NAVUS - Revista de Gestão e Tecnologia**, Caxias do Sul, v. 7, n. 4, p. 63-76, 2017. Disponível em: <https://navus.sc.senac.br/navus/article/view/549/pdf>. Acesso em: 29 jan. 2024.
- ACE - AMERICAN COUNCIL ON EDUCATION. **Comprehensive internationalization-framework**. Washington. 2020. Disponível em: <https://www.acenet.edu/Research-Insights/Pages/Internationalization/CIGE-Model-for-Comprehensive-Internationalization.aspx>. Acesso em: 05 jan. 2020.
- BALBACHEVSKY, E. **Atores e estratégias institucionais**: a profissão acadêmica no Brasil. Documento de Trabalho do NUPES. São Paulo: USP, 1996. Parte II – Ensino e extensão. Disponível em: <https://sites.usp.br/nupps/wp-content/uploads/sites/762/2020/12/dt9602.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2024.
- BARNETT, K. System members at odds: managing divergent perspectives in the higher education change process. **Journal of Higher Education Policy and Management**, Reino Unido, v. 33, n. 2, p. 131–140, 2011. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1360080X.2011.550086>. Acesso em: 21 set. 2023.
- BOONSTRA, A.; VERSLUIS, A.; VOS, J. F. J. Implementing electronic health records in hospitals: a systematic literature review. **BMC Health Services Research**, Reino Unido, v. 14, n. 1, p. 1–24, 2014. <https://bmchealthservres.biomedcentral.com/articles/10.1186/1472-6963-14-370>. Acesso em: 21 set. 2023.

BORDOGNA, C. M. The effects of boundary spanning on the development of social capital between faculty members operating transnational higher education partnerships. **Studies in Higher Education**, Reino Unido, v. 44, p. 217-229, 2017. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/03075079.2017.1349742>. Acesso em: 21 set. 2023.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Resumo técnico: Censo da Educação Superior 2019**. 2019. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_da_educacao_superior_2019.pdf. Acesso em: 3 set. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **e-MEC**. 2020. Disponível em: <https://emec.mec.gov.br/emec/nova>. Acesso em: 3 set. 2020.

CARVALHO, S. B. R.; ARAÚJO, G. C. de. Gestão da internacionalização das instituições de ensino superior. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, v. 25, n. 01, p. 113-131, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/QrmFmDCs45s3s75TsMLCR3q/>. Acesso em: 29 jan. 2024.

CLIFFORD, V. A. Engaging the disciplines in internationalising the curriculum. **International Journal for Academic Development**, Londres, v. 14, n. 2, p. 133-143, 2009. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13601440902970122>. Acesso em: 19 out. 2023.

CONFERÊNCIA MUNDIAL SOBRE EDUCAÇÃO SUPERIOR, 5., 2003, Brasília. **Anais** [...]. Brasília, DF: UNESCO, 2003. Tema: Educação superior: reforma, mudança e internacionalização. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000133972>. Acesso em: 4 jan. 2024.

CRĂCIUN, D. National policies for higher education internationalization: a global comparative perspective. In: CURAJ, A.; DECA, L.; PRICOPIE, R. (ed.). **European higher education area: the impact of past and future policies**. Alemanha: Springer, 2018. p. 95-106. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-319-77407-7_7. Acesso em: 03 set. 2023.

CROSLING, G.; EDWARDS, R.; SCHRODER, B. Internationalizing the curriculum: the implementation experience in a faculty of business and economics. **Journal of Higher Education Policy and Management**, Reino Unido, v. 30, n. 2, p. 107-121, 2008. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13600800801938721>. Acesso em: 29 jan. 2024.

CUI, V. *et al.* Decoupling in international business: the 'new' vulnerability of globalization and MNEs' response strategies. **Journal of International Business Studies**, Reino Unido, v. 54, p. 1562-1576, 2023. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1057/s41267-023-00602-5>. Acesso em: 22 dez. 2023. DURHAM, E. R. **O ensino**

superior no Brasil: público e privado. São Paulo: USP/Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior da Universidade de São Paulo, 2003. Disponível em: <https://sites.usp.br/nupps/wp-content/uploads/sites/762/2020/12/dt0303.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2024.

FLORES, S. R. A democratização do ensino superior no Brasil, uma breve história: da Colônia a República. **Revista Internacional de Educação Superior**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 401-416, 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8650611/16824>. Acesso em: 29 jan. 2024.

GACEL-ÁVILA, J. Comprehensive internationalization in Latin América. **Higher Education Policy**, Reino Unido, v. 25, p. 493-510, 2012. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1057/hep.2012.9>. Acesso em: 15 set. 2023.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2019.

GREEN, W.; MERTOVA, P. Transformalists and transactionists: towards a more comprehensive understanding of academics' engagement with internationalisation of the curriculum. **Research in Comparative and International Education**, Los Angeles, v. 11, n. 3, p. 229-246, 2016. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1745499916662372>. Acesso em: 11 jun. 2023.

GREEN, W.; WHITSED, C. (ed.). **Critical perspectives on internationalising the curriculum in disciplines:** reflective narrative accounts from business, education and health. Holanda: Sense, 2015. Disponível em: <https://link.springer.com/book/10.1007/978-94-6300-085-7>. Acesso em: 21 set. 2023.

HAIGH, M. From internationalisation to education for global citizenship: a multi-layered history. **Higher Education Quarterly**, Londres, v. 68, n. 1, p. 6-27, 2014. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/hequ.12032>. Acesso em: 11 jun. 2023.

HOOVER, E.; HARDER, M. K. What lies beneath the surface? The hidden complexities of organizational change for sustainability in higher education. **Journal of Cleaner Production**, Amsterdã, v. 106, p. 175-188, 2015. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0959652614001073?via%3Dihub>. Acesso em: 24 nov. 2023.

HUDZIK, J. **Comprehensive internationalization:** from concept to action. Washington, DC: NAFSA, 2011.

HUDZIK, J. K.; MCCARTHY, J. **Leading comprehensive internationalization:** strategy and tactics for action. Washington, DC: NAFSA, 2012.

INEP. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Resumo técnico do censo da educação superior 2019**. Brasília: INEP,

2021. Disponível em: <https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas-e-indicadores/resumo-tecnico-censo-da-educacao-superior-2019.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2024.

KNIGHT, J. **Internacionalização da educação superior**: conceitos, tendências e desafios. São Leopoldo: Oikos, 2020. *E-book*. Disponível em: <https://oikoseditora.com.br/files/Internacionalizacao%20da%20educ%20superior%20-%20JANE%20KNIGHT%20-%20e-book.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2024.

KNIGHT, J. Internationalisation of higher education: a conceptual framework. *In*: KNIGHT, J.; WIT, H. (ed.). **Internationalisation of higher education in Asia Pacific Countries**. Amsterdam: EAIE, 1997. p. 5–19.

KNIGHT, J.; WIT, H. Internationalization of higher education: past and future. **International higher education**, Boston, n. 95, p. 2-4, 2018. Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/index.php/ihe/article/view/10715>. Acesso em: 21 set. 2023.

KNOBEL, M. *et al.* Desenvolvimentos da internacionalização da educação superior no Brasil: da mobilidade acadêmica internacional à institucionalização do processo na universidade. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 22, n. 3, p. 672–693, 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8659332>. Acesso em: 29 jan. 2024.

KUIPERS, B. S. *et al.* The management of change in public organizations: A literature review. **Public Administration**, Reino Unido, v. 92, n. 1, p. 1–20, 2014. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/padm.12040>. Acesso em: 21 set. 2023.

LEASK, B. Bridging the gap: internationalizing university curricula. **Journal of Studies in International Education**, v. 5, n. 2, p. 100–115, 2001. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/chapters/edit/10.4324/9780429431463-12/faculty-engagement-betty-leask-craig-whitsed-hans-de-wit-jos-beelen?context=ubx&refId=1772f6f6-9e7a-4e29-8cdc-71afcfd4751>. Acesso em: 21 set. 2023.

LEASK, B. *et al.* Faculty engagement: moving beyond a discourse of disengagement. *In*: OGDEN, A. C.; STREITWIESER, B.; VAN MOL, C. (eds.). **Education abroad**: bridging scholarship and practice. Londres: Routledge, 2020. p. 12-16. DOI <https://doi.org/10.4324/9780429431463>.

MACE, M. K.; PEARL, D. Rubric development and validation for assessing comprehensive internationalization in higher education. **Journal of Studies in International Education**, v.25, n. 1, p. 51-65, 2021. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1028315319865790>. Acesso em: 22 fev. 2025

MARTIN-JONES, M.; SOUZA, A.; CARVALHO, G. Internacionalização do ensino superior no Brasil: estratégias institucionais e diferentes discursos sobre língua entre acadêmicos em uma universidade federal. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**,

Belho Horizonte, v. 24, n. 1, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/sXjWPr7GsK6p7h4kyZtM34f/?lang=en>. Acesso em: 29 jan. 2024.

MAUÉS, O. C.; BASTOS, R. dos S. Políticas de internacionalização da educação superior: o contexto brasileiro. **Educação**, Santa Maria, v. 40, n. 3, p. 333-342, 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/28999/16527>. Acesso em 29 jan. 2024.

MIRANDA, J. A. A.; STALLIVIERI, L. Para uma política pública de internacionalização para o ensino superior no Brasil. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, v. 22, n. 3, p. 589-613, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/FfQJt8nwQntk-kGjDYFz4xbv/?lang=pt>. Acesso em: 29 jan. 2024.

MOROSINI, M. C. Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior: conceitos e práticas. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 107-124, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/k4qqgRK75hvVtq4Kn6QLSJy/?lang=pt>. Acesso em: 29 jan. 2024.

MOROSINI, M. C.; CORTE, M. G. D. Teses e realidades no contexto da internacionalização da educação superior no Brasil. **Educação em questão**, Porto Alegre, v. 56, p. 97-120, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/14000/9321>. Acesso em: 29 jan. 2024.

NEVES, C. E. B.; BARBOSA, M. L. O. Internacionalização da educação superior no Brasil: avanços, obstáculos e desafios. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 22, n. 54, p. 144-175, maio-ago. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/vd6H5x6RB56rrXkYzKDyGVB/?lang=pt>. Acesso em: 21 set. 2023.

NEVES, C. E. B.; MARTINS, C. B. Ensino superior no Brasil: uma visão abrangente. In: DWYER, T. *et al.* (orgs.). **Jovens universitários em um mundo em transformação**: uma pesquisa sino-brasileira. Brasília: IPEA, 2016. p. 95-124. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/9061>. Acesso em: 21 set. 2023.

OLSON, C. L.; GREEN, M. F.; HILL, B. A. **Building a strategic framework for comprehensive internationalization**. Washington, DC: American Council on Education, 2005. Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?q=Building+a+Strategic+Framework+for+Comprehensive+Internationalization+\(2005\).&hl=pt-BR&as_sdt=0&as_vis=1&oi=scholart](https://scholar.google.com.br/scholar?q=Building+a+Strategic+Framework+for+Comprehensive+Internationalization+(2005).&hl=pt-BR&as_sdt=0&as_vis=1&oi=scholart). Acesso em: 11 set. 2020.

POLACK, F. P. *et al.* Safety and efficacy of the BNT162b2 mRNA Covid-19 vaccine. **New England Journal of Medicine**, Boston, v. 383, n. 27, p. 2603-2615, 2020. Disponível em: <https://www.nejm.org/doi/10.1056/NEJMoa2034577>. Acesso em: 29 jan. 2024.

RENFORS, S. M. Internationalization of the curriculum in Finnish higher education: understanding lecturers' experiences. **Journal of Studies in International Education**,

Califórnia, v. 25, n. 1, p. 66–82, 2021. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1028315319888464>. Acesso em: 29 jan. 2024.

SANDERSON, G. A foundation for the internationalization of the academic self. **Journal of Studies in International Education**, Califórnia, v. 12, n. 3, p. 276–307, 2008. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1028315307299420>. Acesso em: 29 jan. 2024.

STALLIVIERI, L. Compreendendo a internacionalização da educação superior. **Revista de Educação do COGEIME**, Brasil, v. 26, n. 50, p. 15-36, jan./jun. 2017. Disponível em: [10.15599/0104-4834/cogeime.v26n50p15-36](https://doi.org/10.15599/0104-4834/cogeime.v26n50p15-36). Acesso em: 29 jan. 2024.

STALLIVIERI, L. O processo de internacionalização nas instituições de ensino superior. **Revista Educação Brasileira**, Santa Catarina, v. 24, n. 28, p. 37-57, 2002. Disponível em: <https://iglu.paginas.ufsc.br/files/2014/08/SLIDES-LUCIANE.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2024.

STIER, J. Taking a critical stance toward internationalization ideologies in higher education: idealism, instrumentalism, and educationalism. **Globalisation, Societies and Education**, Reino Unido, v. 2, n. 1, p. 1–28, 2004. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1476772042000177069>. Acesso em: 21 set. 2023.

SUSENO, Y.; PINNINGTON, A. H. The war for talent: human capital challenges for professional service firms. **Asia Pacific Business Review**, Reino Unido, v. 23, n. 2, p. 205–229, 2017. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13602381.2017.1287830>. Acesso em: 29 jan. 2024.

TEODORO, F. S.; STALLIVIERI, L.; MELO, P. A. Estratégias de internacionalização nas universidades públicas de Santa Catarina. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GESTÃO UNIVERSITÁRIA, 19., 2019, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: UFSC, 2019. Tema: Gestão Universitária e Internacionalização do ensino superior. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/201836>. Acesso em: 29 jan. 2024.

TORO, D. Educación superior en Latinoamérica en una economía post-COVID. **Revista de Educación Superior en América Latina**, v. 8, n. julio-diciembre 2020, p. 45-52, 2020. Disponível em: <https://rcientificas.uninorte.edu.co/index.php/esal/article/view/13408/214421444836>. Acesso em: 29 jan. 2024.

TRONDAL, J. Two worlds of change: on the internationalization of universities. Globalisation. **Societies and Education**, Reino Unido, v. 8, n. 3, p. 351–368, 2010. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14767724.2010.505097>. Acesso em: 29 jan. 2024.

UNESCO; IESALC. **COVID-19 y educación superior**: de los efectos inmediatos al día después; análisis de impactos, respuestas políticas y recomendaciones. França:

UNESCO; IESALC, 2020. Disponível em:

<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000374886>. Acesso em: 29 jan. 2024.

VERBEKE, A. Will the COVID-19 pandemic really change the governance of global value chains? **British Journal of Management**, Reino Unido, v. 31, n. 3, p. 444–446, 2020. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/342822571_Will_the_COVID-](https://www.researchgate.net/publication/342822571_Will_the_COVID-19_Pandemic_Really_Change_the_Governance_of_Global_Value_Chains)

[19 Pandemic Really Change the Governance of Global Value Chains](https://www.researchgate.net/publication/342822571_Will_the_COVID-19_Pandemic_Really_Change_the_Governance_of_Global_Value_Chains). Acesso em: 29 jan. 2024.

VON NORDENFLYCHT, A. What is a professional service firm? Toward a theory and taxonomy of knowledge-intensive firms. **Academy of Management Review**, Estados Unidos, v. 35, n. 1, p. 155–174, 2010. Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=1407347>. Acesso em: 29 jan. 2024.

VOYSEY, M. *et al.* Safety and efficacy of the ChAdOx1 nCoV-19 vaccine (AZD1222) against SARS-CoV-2: an interim analysis of four randomised controlled trials in Brazil, South Africa, and the UK. **The Lancet**, Oxford, v. 397, n. 10269, p. 99–111, 2021. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)32661-1](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)32661-1). Acesso em: 29 jan. 2024.

WAGNER, A. L.; DIETRICH, E. Internationalisation of higher education in Brazil: advances and challenges. *In*: WOLDEGIORGIS, E. T.; YU, C. Q. (ed.). **Critical reflections on the internationalisation of higher education in the global south (diverse perspectives on creating a fairer society)**. Reino Unido: Emerald Publishing, 2024. p. 67–100. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/978-1-80455-778-520241005/full/html>. Acesso em: 29 jan. 2024.

WHITSED, C. *et al.* Engaging staff and faculty in the internationalization of higher education. *In*: Deardorff, D. (ed.). **Handbook of Higher Education**. [S. l.]: [s. n.], 2021.

WIT, H. **Internationalization of higher education in the United States of America and Europe**: a historical, comparative, and conceptual analysis. Boston: Institute of Education sciences, 2002.

Contribuição dos autores

Fernando Gazzoni – Responsável pela conceitualização, curadoria de dados, análise formal, investigação, metodologia, administração de projetos, supervisão, validação, visualização, escrita – rascunho original e escrita – revisão e edição.

Flavia Luciane Scherer – Assistência na análise de dados, administração de projetos, supervisão, visualização, escrita – rascunho original e escrita – revisão e edição.

Soraya de Souza Soares – Assistência na análise de dados, supervisão, visualização, escrita – rascunho original e escrita – revisão e edição.

Maíra Nunes Piveta – Assistência na análise de dados, supervisão, visualização, escrita – revisão e edição.

Natália Pavanelo Pivetta – Assistência na análise de dados, visualização, escrita – revisão e edição.

Revisado por Atlas Assessoria Linguística

E-mail: contact@atlastraducoes.com.